

Índios trabalham como bóias-frias no MS



Índios kaiowá trabalham em lavoura de soja em Dourados (MS).

ARI CIPOLA

Enviado especial a Dourados

Os representantes dos índios terena que residem na reserva de Dourados (MS) estão explorando os índios guarani-kaiowá. Os kaiowá trabalham como bóias-frias para os terena, que cultivam soja na aldeia em associação com fazendeiros brancos.

Mais resistentes ao ingresso no mundo comercial dos brancos e sem recursos para cultivar em sua própria reserva, o kaiowá adulto está capinando os 485 hectares de soja plantados pelos terena por um salário de Cr\$ 400,00 ao dia, e de Cr\$ 250,00 no caso das crianças entre 7 e 12 anos.

A reserva de 3.560 hectares está espremida entre o centro de Dourados e as fazendas de soja, que é cultivada em um dos melhores solos do Brasil e na altitude ideal para a cultura. A associação dos terena com fazendeiros é feita de forma sigilosa, porque é ilegal. O posto da Fundação Nacional do Índio (Funai) avaliza os contratos que caracterizam o drible na legislação. Várias cópias desses contratos mostram a fórmula: sempre os fazendeiros vendem para o índio o trabalho do trator, o adubo e o agrotóxico, além da semente.

“A exploração é maior porque os brancos ainda usam o posto da Funai para promover as vendas da soja, assim o índio paga o imposto e o fazendeiro não”, diz o cacique guarani Airton de Oliveira, 42, também capitão, uma liderança intermediária entre os índios e a Funai.

O chefe do posto da Funai, índio terena Edmilson Ortiz Ne-

ves, 36, afirma que não tem como comprovar os arrendamentos. “Os índios não nos informam isso e fazem contratos de prestação de serviço e de compras, o que não podemos barrar”, diz.

A reserva de Dourados tem a estrutura fundiária de uma gleba onde o Instituto Nacional de Reforma Agrária (Incra) assentou famílias de sem-terra. Isso facilita o enriquecimento dos terena, que são índios agricultores. Empresas cerealistas usam intermediários, como o índio terena Ramão Machado, 42, para comprar antecipadamente a safra dos índios.

Desde 1983, a Funai não executa nenhum projeto agrícola. Os índios não possuem crédito agrícola em bancos para financiar o plantio na reserva. O resultado é a ociosidade de 70% das terras, a exploração dos kaiowá, o aumento da miséria e do número de casos de tuberculose, além dos 74 suicídios ocorridos nos últimos dois anos. A produção agrícola também caiu muito. Em 1983 foram colhidas 25 mil sacas de soja e no ano passado 7 mil.

As matas da aldeia foram totalmente devastadas pelos projetos da Funai. O órgão levou 70 famílias de terena para a área na década de 70 para tirar os guaranis (nhandewa e kaiowa) do ócio.

“Toda essa bagunça vai continuar até a Funai resolver investir aqui”, diz o cacique Oliveira. Segundo ele, os índios que não se associam aos fazendeiros brancos não conseguem capinar na região de Dourados.